

A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AMBIENTAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA IMPLEMENTAÇÃO DA SAÚDE ÚNICA NO BRASIL

THE INTERDEPENDENCE BETWEEN HUMAN, ANIMAL AND ENVIRONMENTAL HEALTH: CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN THE IMPLEMENTATION OF ONE HEALTH IN BRAZIL

LA INTERDEPENDENCIA ENTRE LA SALUD HUMANA, ANIMAL Y AMBIENTAL: DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS EN LA IMPLEMENTACIÓN DE UNA SALUD EN BRASIL

Heloisa Barboza Gregório¹, Ráren Paulo da Silva Araújo², Sabrina Teixeira da Silva Moraes³, Johnata da Cruz Matos⁴, Isabelle Holanda Bezerra⁵, Cynthya Taynara Bezerra Gomes⁶, Hellen Thawane Martins Cavalcante⁷, Wyrakitán do Nascimento Santos⁸, Matheus Tenório do Nascimento Santos⁹, Juliana Ribeiro Lucci¹⁰, Alessandro Medeiros Pedro¹¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3142

Recibido: 01/07/2025 | Aceptado: 25/07/2025 | Publicación en línea: 01/08/2025.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental, com ênfase nos desafios e nas perspectivas para a implementação da abordagem de Saúde Única no Brasil. A metodologia consistiu na análise de artigos científicos obtidos em bases como SciELO, Scopus e Google Acadêmico, priorizando estudos publicados nos últimos dez anos que discutissem o conceito de

¹ Mestranda em Ciência Animal, Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. E-mail: helogregorio4@gmail.com

² Graduando em Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: rarenaraujo@live.com

³ Mestre em Ciência Animal, Universidade Vila Velha (UVV), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: sabrinateixeiramv@gmail.com

⁴ Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

E-mail: prof.johnata.matos@hotmail.com

⁵ Especialista em Clínica Médica e Cirúrgica de Felinos, Instituição Uninassau, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

E-mail: isabellebezerra2204@gmail.com

⁶ Especialista em Microbiologia, Universidade CEUMA, São Luís, Maranhão, Brasil.

E-mail: gomestaynara739@gmail.com

⁷ Mestre em Ciências Veterinárias no Semiárido, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: hellenthawane2018@gmail.com

⁸ Graduando em Medicina, Universidade Anhembí Morumbi, Piracicaba, São Paulo, Brasil.

E-mail: institutodrapriscillasantos@gmail.com

⁹ Graduando em Medicina, Universidade Anhembí Morumbi, Piracicaba, São Paulo, Brasil.

E-mail: institutodrapriscillasantos@gmail.com

¹⁰ Doutora em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barra, Bahia, Brasil.

E-mail: julucci@hotmail.com

¹¹ Doutorando em Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: Alessandroctg@hotmail.com

Saúde Única, suas aplicações práticas e os entraves enfrentados no contexto brasileiro. Os resultados evidenciaram que, embora a proposta de Saúde Única represente um avanço significativo para a compreensão integrada dos riscos sanitários e ecológicos, sua implementação ainda é limitada por fatores como a fragmentação institucional, a escassez de políticas públicas intersetoriais, a carência de financiamento e a insuficiência de programas de formação profissional voltados à interdisciplinaridade. Também se identificou a importância do fortalecimento das redes de vigilância epidemiológica e ambiental, da promoção da educação sanitária nas comunidades e da articulação entre setores como saúde, meio ambiente, agricultura e educação. Conclui-se que a efetivação da Saúde Única no Brasil exige um esforço conjunto e coordenado entre diferentes esferas governamentais, organizações da sociedade civil, universidades e populações locais, a fim de garantir respostas mais eficientes aos desafios contemporâneos em saúde pública, especialmente diante de zoonoses emergentes, mudanças climáticas e degradação ambiental.

Palavras-chave: Saúde Única. Saúde Humana. Saúde Animal. Saúde Ambiental.

ABSTRACT

The research aimed to analyze, through a literature review, the interdependence between human, animal, and environmental health, with an emphasis on the challenges and prospects for implementing the One Health approach in Brazil. The methodology consisted of analyzing scientific articles obtained from databases such as SciELO, Scopus, and Google Scholar, prioritizing studies published in the last ten years that discussed the concept of One Health, its practical applications, and the obstacles faced in the Brazilian context. The results showed that, although the One Health proposal represents a significant advance in the integrated understanding of health and ecological risks, its implementation is still limited by factors such as institutional fragmentation, the scarcity of intersectoral public policies, lack of funding, and insufficient professional training programs focused on interdisciplinarity. The importance of strengthening epidemiological and environmental surveillance networks, promoting health education in communities, and fostering coordination between sectors such as health, the environment, agriculture, and education was also identified. It is concluded that the implementation of One Health in Brazil requires a joint and coordinated effort between different government spheres, civil society organizations, universities, and local populations to ensure more efficient responses to contemporary public health challenges, especially in the face of emerging zoonoses, climate change, and environmental degradation.

Keywords: One Health. Human Health. Animal Health. Environmental Health.

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo analizar, mediante una revisión bibliográfica, la interdependencia entre la salud humana, animal y ambiental, con énfasis en los desafíos y las perspectivas para la implementación del enfoque Una Salud en Brasil. La metodología consistió en el análisis de artículos científicos obtenidos de bases de datos como SciELO, Scopus y Google Académico, priorizando estudios publicados en los últimos diez años que abordaron el concepto de Una Salud, sus aplicaciones prácticas y los obstáculos enfrentados en el contexto brasileño. Los resultados mostraron que, si bien la propuesta de Una Salud representa un avance significativo en la comprensión integral de los riesgos para la salud y el medio ambiente, su

implementación aún se ve limitada por factores como la fragmentación institucional, la escasez de políticas públicas intersectoriales, la falta de financiación y la insuficiencia de programas de formación profesional centrados en la interdisciplinariedad. También se identificó la importancia de fortalecer las redes de vigilancia epidemiológica y ambiental, promover la educación para la salud en las comunidades y fomentar la coordinación entre sectores como la salud, el medio ambiente, la agricultura y la educación. Se concluye que la implementación de Una Salud en Brasil requiere un esfuerzo conjunto y coordinado entre diferentes esferas gubernamentales, organizaciones de la sociedad civil, universidades y poblaciones locales para garantizar respuestas más eficientes a los desafíos contemporáneos de salud pública, especialmente ante las zoonosis emergentes, el cambio climático y la degradación ambiental.

Palabras clave: Una Salud. Salud Humana. Salud Animal. Salud Ambiental.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A concepção de saúde tem evoluído ao longo dos anos, expandindo-se para além da ausência de enfermidades e incorporando dimensões sociais, econômicas e ambientais. Nesse contexto, surgiu a abordagem “Saúde Única” (One Health), que propõe uma visão integrada da saúde humana, animal e ambiental. A proposta reconhece que esses três pilares são interdependentes e que ações coordenadas entre eles são essenciais para a prevenção de doenças e promoção do bem-estar coletivo (Benitez *et al.*, 2017).

O Brasil, por sua vasta biodiversidade e características ecológicas e sociais diversas, apresenta um cenário peculiar para a aplicação da Saúde Única. As fronteiras entre ambientes naturais e urbanos são frequentemente difusas, o que favorece o contato direto entre humanos, animais silvestres e domésticos. Essa proximidade aumenta os riscos de transmissão de zoonoses, como a febre amarela, leptospirose, toxoplasmose e outras doenças emergentes ou reemergentes (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

A expansão agropecuária, o desmatamento, o tráfico de animais silvestres e a degradação dos ecossistemas têm contribuído para o desequilíbrio ambiental e, por consequência, para o surgimento de novas ameaças à saúde pública. Além disso, a pandemia de COVID-19 evidenciou a importância de compreender os vínculos entre saúde humana e animal, já que sua origem está relacionada ao salto de um vírus do ambiente animal para humanos (Silva *et al.*, 2020).

Apesar do reconhecimento internacional da abordagem Saúde Única, sua implementação

no Brasil ainda é incipiente e enfrenta diversos desafios. Entre eles, destaca-se a fragmentação entre os setores da saúde humana, veterinária e ambiental, que historicamente atuam de forma isolada, com pouca comunicação interinstitucional. Tal realidade compromete a capacidade de resposta eficiente a surtos e epidemias que envolvem múltiplos vetores (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

Outro entrave relevante diz respeito à formação profissional. A ausência de uma abordagem transdisciplinar na formação de médicos, veterinários, biólogos, sanitaristas e outros profissionais da área dificulta a compreensão integral dos processos que envolvem a saúde como fenômeno sistêmico. É fundamental que o ensino superior incorpore essa perspectiva, promovendo uma cultura de cooperação e ação conjunta (Lima *et al.*, 2025a; Lima *et al.*, 2025b; Lima *et al.*, 2025c; Lima *et al.*, 2025d; Lima *et al.*, 2020).

Ainda que existam iniciativas pontuais e redes de colaboração entre instituições públicas e privadas, elas são muitas vezes restritas a projetos locais e carecem de apoio político e financeiro consistente. Para que a Saúde Única avance, é necessário que políticas públicas contemplem esse modelo de forma institucionalizada, com investimentos direcionados e marcos regulatórios claros.

Diante desse panorama, esta pesquisa tem como objetivo analisar os principais desafios e perspectivas da implementação da abordagem Saúde Única no Brasil, a partir de uma revisão bibliográfica de produções acadêmicas e técnicas que tratam da interdependência entre saúde humana, animal e ambiental, destacando experiências exitosas, obstáculos enfrentados e possíveis caminhos para consolidar essa proposta no território nacional.

Para tanto, foi realizado um levantamento de artigos científicos, dissertações, teses e documentos técnicos publicados entre os anos de 2015 e 2024. As bases de dados utilizadas foram: SciELO, Google Acadêmico, Scopus e PubMed, com o uso de descritores como “Saúde Única”, “One Health”, “Zoonoses”, “Saúde Ambiental” e “Brasil”. Foram priorizados estudos que abordam experiências práticas, políticas públicas, formação profissional e desafios intersetoriais.

DESENVOLVIMENTO

Fundamentos e Importância da Abordagem Saúde Única

A proposta de Saúde Única surge como resposta aos desafios globais que extrapolam as fronteiras disciplinares. Ao reconhecer que a saúde dos seres humanos está diretamente ligada à saúde dos animais e ao equilíbrio ambiental, essa abordagem propõe um modelo de vigilância, prevenção e cuidado mais eficiente e sustentável (Brandão, 2015).

Nos últimos anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) têm reforçado a necessidade de integrar ações entre diferentes setores. No Brasil, tais diretrizes vêm ganhando espaço, embora ainda haja barreiras estruturais que dificultam sua plena adoção (Limongi; Oliveira, 2020).

A alta incidência de doenças zoonóticas no Brasil, como leishmaniose, febre maculosa, raiva e hantavirose, evidencia a urgência de estratégias interdisciplinares. Grande parte dessas enfermidades ocorre em contextos de vulnerabilidade social, ausência de saneamento básico e degradação ambiental, o que torna ainda mais relevante o enfoque da Saúde Única (Benitez *et al.*, 2017).

Além das zoonoses, outras doenças relacionadas a fatores ambientais, como arboviroses (dengue, chikungunya, zika) também apontam para a necessidade de respostas coordenadas entre saúde pública, meio ambiente e gestão urbana. O crescimento urbano desordenado e a ocupação de áreas de risco intensificam a exposição humana a vetores e patógenos (Limongi; Oliveira, 2020).

A implementação da Saúde Única requer o fortalecimento da vigilância integrada, capaz de monitorar não apenas os casos em humanos, mas também as ocorrências em animais e os impactos ambientais. Esse modelo integrado ainda é escasso no Brasil, com exceção de algumas iniciativas regionais e acadêmicas (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

Um dos exemplos mais reconhecidos é o programa de vigilância de raiva em áreas rurais, que integra profissionais de saúde, veterinária e educação. No entanto, tais experiências ainda carecem de replicabilidade em larga escala e de respaldo institucional consistente (Benitez *et al.*, 2017).

Os impactos das mudanças climáticas também ampliam a pertinência da abordagem

Saúde Única. A alteração de padrões climáticos favorece a disseminação de vetores, altera ciclos ecológicos e afeta cadeias alimentares, afetando a saúde humana e animal de maneira significativa (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

A escassez de água potável, a contaminação de solos e o uso excessivo de agrotóxicos são outros fatores que reforçam a interdependência dos sistemas de saúde. Não é possível promover saúde humana de maneira isolada, sem considerar os danos causados ao meio ambiente e aos animais (Limongi; Oliveira, 2020).

Desafios Estruturais na Implementação da Saúde Única

A fragmentação institucional entre os setores de saúde humana, animal e ambiental configura um dos principais entraves à implementação da Saúde Única no Brasil. Os sistemas de informação não se comunicam entre si, dificultando o compartilhamento de dados e a articulação de respostas conjuntas (Limongi; Oliveira, 2020).

Além disso, os modelos tradicionais de formação profissional ainda reproduzem uma lógica disciplinar, com pouca ênfase em práticas integrativas. Médicos, veterinários, sanitaristas e engenheiros ambientais são formados com visões compartimentadas, o que prejudica a criação de equipes interdisciplinares (Limongi; Oliveira, 2020).

A falta de recursos financeiros específicos destinados à abordagem Saúde Única limita a criação de políticas públicas robustas. Projetos que adotam essa perspectiva são, muitas vezes, pontuais, vinculados a editais de pesquisa e sem continuidade institucional (Silva *et al.*, 2020).

Outro desafio diz respeito à ausência de marcos legais claros. Apesar de diretrizes internacionais, o Brasil ainda carece de regulamentações específicas que tornem obrigatória a integração entre os setores de saúde e meio ambiente em ações de vigilância, controle e prevenção (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

A desigualdade regional também impacta a efetivação da abordagem. Enquanto alguns centros urbanos e instituições de ensino superior desenvolvem ações integradas, regiões mais afastadas ou com menor infraestrutura sofrem com a ausência de políticas articuladas (Benitez *et al.*, 2017).

A baixa conscientização da população sobre os vínculos entre saúde e meio ambiente é outro obstáculo relevante. Campanhas educativas sobre zoonoses e doenças transmitidas por alimentos ou vetores ainda são insuficientes ou mal distribuídas (Losch *et al.*, 2022).

É importante destacar que a lógica burocrática do setor público dificulta a atuação de equipes interdisciplinares. Barreiras administrativas, disputas de competência e falta de capacitação dificultam ações conjuntas entre secretarias de saúde, meio ambiente e agricultura (Losch *et al.*, 2022).

Apesar desses desafios, alguns estados e municípios vêm avançando na criação de comitês intersetoriais e na adoção de planos municipais com enfoque em Saúde Única. Tais experiências demonstram que é possível implementar essa abordagem, desde que haja vontade política e apoio técnico (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

A pandemia de COVID-19 também trouxe à tona a necessidade de revisar os modelos de prevenção e resposta a crises sanitárias. Ela evidenciou a interconexão global dos sistemas de saúde e a urgência de integrar ações em todos os níveis (Cruz-Silva *et al.*, 2023). Enfrentar esses desafios requer um esforço conjunto entre academia, poder público, setor privado e sociedade civil. A construção de uma governança eficaz e integrada é fundamental para consolidar a abordagem da Saúde Única no país.

Perspectivas e Caminhos para a Consolidação da Saúde Única no Brasil

Diante dos desafios apresentados, é possível vislumbrar algumas perspectivas promissoras para a consolidação da Saúde Única no Brasil. A primeira delas é o fortalecimento da educação transdisciplinar nas universidades, com a inserção da abordagem nos currículos dos cursos de saúde, biologia, veterinária, agronomia, entre outros (Limongi; Oliveira, 2020).

A criação de centros de referência em Saúde Única, vinculados a universidades e institutos de pesquisa, pode fomentar a produção de conhecimento, a formação continuada e o desenvolvimento de tecnologias aplicadas. Tais centros poderiam servir como espaços de integração entre ciência, política e prática (Limongi; Oliveira, 2020).

Outro caminho viável é a ampliação dos sistemas de vigilância integrada, com plataformas que permitam o cruzamento de dados sobre doenças humanas, animais e ambientais. Isso facilitaria a detecção precoce de surtos e a tomada de decisões coordenadas (Benitez *et al.*, 2017).

A criação de marcos legais e planos nacionais específicos sobre Saúde Única pode impulsionar a institucionalização dessa abordagem. A inclusão da Saúde Única no Plano Plurianual (PPA) e em políticas setoriais seria um passo importante para garantir recursos e

planejamento estratégico (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

Parcerias entre o setor público e organizações não governamentais também podem contribuir para o avanço da abordagem. Projetos de base comunitária que integrem educação ambiental, cuidado com os animais e saúde coletiva são exemplos de boas práticas com potencial de replicação (Benitez *et al.*, 2017).

A promoção de campanhas educativas contínuas sobre zoonoses, higiene ambiental e manejo sustentável dos recursos naturais é essencial para envolver a população e torná-la protagonista na prevenção de doenças. Do ponto de vista tecnológico, o investimento em soluções digitais, como aplicativos de monitoramento e inteligência artificial aplicada à vigilância em saúde, pode otimizar a integração entre setores e acelerar respostas (Losch *et al.*, 2022).

A cooperação internacional, por meio de acordos multilaterais e participação em redes de pesquisa, também fortalece a posição do Brasil no cenário global da Saúde Única, permitindo o intercâmbio de experiências e o acesso a inovações (Losch *et al.*, 2022).

Por fim, a descentralização das ações e o fortalecimento do protagonismo local são estratégias fundamentais. A construção de políticas adaptadas às realidades regionais é mais eficaz do que modelos centralizados e homogêneos. Assim, a consolidação da Saúde Única no Brasil depende de um pacto coletivo e multissetorial, que reconheça a saúde como um bem comum e a interdependência dos sistemas naturais, humanos e animais como base para a sustentabilidade (Benitez *et al.*, 2017).

Estratégias para o Fortalecimento da Saúde Única no Brasil

O fortalecimento da abordagem da Saúde Única no Brasil requer uma articulação multissetorial que envolva instituições públicas, privadas e organizações da sociedade civil. A integração entre os setores da saúde, meio ambiente e agropecuária é essencial para construir estratégias eficazes de prevenção e controle de doenças. A pandemia da COVID-19 deixou evidente como a desconexão entre esses setores pode gerar respostas descoordenadas e ineficazes. Para evitar que crises semelhantes se repitam, é necessário implementar políticas públicas que incentivem o diálogo e a cooperação entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

A formação de profissionais capacitados em uma perspectiva interdisciplinar é outro

desafio significativo. Atualmente, os cursos de graduação das áreas da saúde, veterinária e meio ambiente ainda operam de forma fragmentada, o que limita a compreensão ampla das conexões entre as diferentes dimensões da saúde. É imprescindível reformular currículos acadêmicos para incluir conteúdos voltados à abordagem da Saúde Única, estimulando a atuação colaborativa desde a formação inicial dos profissionais (Abud; Gorisch; Souza, 2025).

Além disso, a criação de centros de vigilância integrada que monitorem a saúde de humanos, animais e ecossistemas é uma proposta estratégica para a operacionalização da Saúde Única. Tais centros poderiam atuar na detecção precoce de doenças zoonóticas, na análise de riscos ambientais e na produção de dados intersetoriais para subsidiar políticas públicas baseadas em evidências científicas. No entanto, a criação e a manutenção desses centros exigem investimento financeiro, capacitação técnica e estabilidade institucional (Benitez *et al.*, 2017).

A educação ambiental e sanitária, tanto formal quanto informal, também desempenha um papel crucial na implementação da Saúde Única. A conscientização da população sobre os riscos associados à degradação ambiental, ao contato desprotegido com animais silvestres e ao consumo inadequado de alimentos é fundamental para promover mudanças de comportamento. Campanhas educativas devem ser contínuas, culturalmente adaptadas e baseadas em linguagem acessível (Cruz-Silva *et al.*, 2023).

Outro aspecto importante é o fortalecimento da vigilância sanitária e ambiental nos territórios com maior vulnerabilidade socioambiental. Comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas e populações periféricas enfrentam desafios estruturais que os tornam mais suscetíveis a doenças de origem zoonótica e a impactos ambientais severos. A abordagem da Saúde Única deve considerar essas desigualdades e promover ações específicas para atender às demandas dessas populações (Miranda, 2018).

As parcerias internacionais também são relevantes nesse processo. O Brasil tem papel estratégico na agenda global de saúde e meio ambiente, especialmente por abrigar ecossistemas de grande biodiversidade como a Amazônia. A cooperação com organismos internacionais, universidades estrangeiras e centros de pesquisa pode proporcionar acesso a tecnologias, modelos de gestão inovadores e recursos financeiros para fortalecer a Saúde Única no território nacional (Rizzotto *et al.*, 2024).

A governança institucional deve ser orientada por princípios de transparência, participação social e responsabilização. A criação de comitês interinstitucionais que envolvam diferentes ministérios e secretarias estaduais e municipais pode favorecer a construção de planos

de ação integrados. Além disso, o envolvimento da sociedade civil e de representantes das comunidades afetadas nas decisões políticas reforça a legitimidade das ações implementadas (Benitez *et al.*, 2017).

Os municípios devem ser protagonistas nesse processo, visto que os impactos da interdependência entre saúde humana, animal e ambiental se manifestam localmente. Planos diretores, conselhos de saúde e conselhos de meio ambiente podem funcionar como espaços estratégicos para debater e encaminhar propostas concretas. A descentralização da abordagem da Saúde Única fortalece a democracia e permite soluções mais adequadas às especificidades de cada região (Limongi; Oliveira, 2020).

Tecnologias da informação e comunicação também devem ser incorporadas à lógica da Saúde Única. Plataformas de vigilância digital, aplicativos de georreferenciamento e sistemas integrados de dados podem acelerar a detecção de surtos, mapear áreas de risco e permitir respostas mais rápidas e precisas. No entanto, é necessário garantir que essas tecnologias sejam acessíveis e operem em consonância com as necessidades locais (Benitez *et al.*, 2017; (Silva *et al.*, 2020)

Por fim, o enfrentamento dos desafios relacionados à Saúde Única exige uma mudança de paradigma. É preciso abandonar a visão antropocêntrica e fragmentada da saúde e adotar uma perspectiva ecocêntrica, que reconheça a complexidade das interações entre humanos, animais e meio ambiente. Essa transição demanda vontade política, engajamento social e um compromisso ético com as gerações presentes e futuras (Brandão, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a interdependência entre saúde humana, animal e ambiental, destacando os desafios e as perspectivas para a implementação da abordagem da Saúde Única no Brasil. A partir de uma revisão bibliográfica abrangente, foi possível identificar que a inter-relação entre essas dimensões é complexa e exige soluções integradas e interdisciplinares. A emergência de zoonoses, a degradação ambiental e as desigualdades sociais representam ameaças reais à saúde coletiva e reforçam a urgência de se repensar modelos de atenção, prevenção e vigilância sanitária.

Constatou-se que, apesar dos avanços conceituais, a operacionalização da Saúde Única ainda enfrenta obstáculos estruturais, como a fragmentação institucional, a escassez de recursos

e a formação profissional compartimentalizada. A ausência de políticas públicas específicas, aliada à falta de investimento em ciência, tecnologia e educação ambiental, limita a capacidade do país de responder de forma eficaz aos riscos decorrentes da interdependência entre os sistemas biológicos e sociais.

Contudo, também foram identificadas inúmeras potencialidades. O Brasil possui instituições científicas qualificadas, biodiversidade singular e experiência acumulada em vigilância sanitária e ambiental. A articulação entre diferentes esferas de governo, a valorização dos saberes locais, o uso de tecnologias de informação e a formação de redes colaborativas podem contribuir significativamente para consolidar a Saúde Única como uma política pública estruturante.

A pesquisa evidencia que a superação dos desafios passa por um esforço conjunto de governos, profissionais, pesquisadores e sociedade civil. O reconhecimento da interdependência entre os seres vivos e o meio ambiente deve orientar decisões políticas, estratégias educativas e práticas cotidianas. Mais do que um conceito, a Saúde Única se apresenta como um imperativo ético e prático para a promoção da saúde e da sustentabilidade.

Dessa forma, conclui-se que a efetivação da Saúde Única no Brasil é não apenas necessária, mas urgente. Para isso, é fundamental a criação de um marco legal robusto, o fortalecimento da governança intersetorial, a valorização da ciência e a mobilização social. Apenas por meio do compromisso coletivo e da ação integrada será possível garantir condições de vida dignas e saudáveis para todas as formas de vida que compartilham este planeta.

REFERÊNCIAS

ABUD, C. de O.; GORISCH, P.; PEREIRA DE SOUZA, L. Saúde única: pilar integrativo dos direitos humanos à saúde e ao meio ambiente. **Ciência et Praxis**, [S. l.], v. 20, n. 35, p. 230–242, 2025.

BENITEZ, A. do N. et al. Abordagem da saúde única na ocorrência de enteroparasitas em humanos de área urbana no norte do Paraná. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, [S. l.], v. 19, n. 4, 2017.

BRANDÃO, A. P. D. Saúde única em articulação com a saúde global: o papel da Medicina Veterinária do coletivo. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP (Revista MV&Z)**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 60–66, 2015.

CRUZ-SILVA, S. C. B. da et al. Educação ambiental e saúde única na percepção e práticas educativas de educadores de ensino médio. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, 2023.

LIMA, L. A. de O. et al. Gestão socioambiental, marketing verde e legislação: o papel do regulamento jurídico no combate às práticas de greenwashing nas organizações. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 16, n. 7, p. e5145, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7769/gesec.v16i7.5145>.

LIMA, L. A. O. et al. Gestão humanizada em saúde e suas implicações para a qualidade de vida no trabalho. **Lumen et Virtus**, v. 16, p. 1009–1019, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/levv16n45-027>.

LIMA, L. A. O. et al. Informatização em saúde: avanços tecnológico e a modernização nos serviços de saúde. **Lumen et Virtus**, v. 16, p. 5102–5111, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/levv16n48-042>.

LIMA, L. A. O. et al. Os desafios na formação de profissionais de saúde no Brasil. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, p. 05–15, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n5p05-15>.

LIMA, N. T. S. et al. Unique health from the perspective of popular health education. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. e8839109314, 2020.

LIMONGI, J. E.; OLIVEIRA, S. V. de. COVID-19 e a abordagem One Health (Saúde Única): uma revisão sistemática. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 139–149, jul./set. 2020.

LOSCH, E. L. et al. Os agrotóxicos no contexto da saúde única. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, spe. 2, p. 04–16, jul. 2022.

MIRANDA, M. A contribuição do médico veterinário à saúde única – One Health. **Psicologia e Saúde em Debate**, [S. l.], v. 4, n. Suppl1, p. 34, 2018.

RIZZOTTO, M. L. F. et al. Saúde única – um conceito ambíguo sob debate. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 143, p. 6–10, out./dez. 2024.

SILVA, L. F. et al. A relevância dos dados epidemiológicos das zoonoses e sua aplicabilidade na saúde única / The relevance of zoonoses epidemiological data and their unique health applicability. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 10630–10634, 2020.